

O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E DESENVOLVIMENTO DE PENSAMENTO CRÍTICO NA SALA DE AULA

Isadora Berbel Gardenal (UEL)

RESUMO: Neste trabalho será apresentado um relato de estágio obrigatório curricular, que engloba um total de 40 (quarenta) horas e conta com a experiência da estagiária na aplicação de conteúdos da área de letras, dentre eles as Orações Subordinadas Adjetivas e as Crônicas. Autores como Luiz Carlos Travaglia (1995) e José Carlos Libâneo (1990) serão usados como base teórica para mostrar de que maneira podemos trabalhar com o ensino de língua materna afim de estimular pensamento crítico nos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento crítico; conhecimento; língua.

1 Introdução

O ensino de língua materna para falantes nativos é de extrema importância no cenário educacional, e precisa ser realizado de forma efetiva. Porém, existem algumas dificuldades nesta tarefa, uma vez que o “ensino tradicional” impõe um método mecânico e acaba não alcançando certos objetivos que seriam importantes no aprendizado dos alunos. Os conhecimentos são simplesmente “despejados” pelos professores e decorados e não absorvidos de forma duradoura pelos alunos. Este trabalho irá refletir sobre algumas estratégias usadas na experiência de estágio curricular obrigatório ocorrido no primeiro semestre de 2019.

2 O ensino de língua materna

Para Travaglia (1995), existem muitos motivos para se ensinar a língua materna para os falantes dessa língua. O primeiro deles é o de desenvolver a competência comunicativa, ou seja, tornar os usuários da língua capazes de empregá-la em diferentes contextos de comunicação. A competência comunicativa se divide em duas: 1) a gramatical, que possibilita aos falantes construir suas próprias sequências linguísticas gramaticais de forma adequada à língua em questão, assim como a variante escrita e a norma padrão; 2) a textual, que possibilita aos falantes entender, produzir, modificar e classificar textos presentes na vida em sociedade.

Além das competências, Travaglia sugere que outro motivo importante no ensino de língua materna é o de desenvolver o raciocínio lógico e o pensamento crítico: “Propõe ensinar o aluno a pensar, raciocinar. Ensinar o raciocínio, o modo de pensar científico. [...] Evidentemente tais habilidades são importantes nos vários campos do conhecimento humano e não só para o campo dos estudos da linguagem.” (TRAVAGLIA, 1995, p. 20)

Isso significa que o aprendizado de língua materna possibilita o uso da língua de maneira que forme o pensamento crítico, o qual é essencial tanto para a vida escolar como até mesmo para a vida prática social.

Para Libâneo (1990, p. 123), existem alguns objetivos educacionais que precisam ser alcançados no processo de aprendizagem. Um deles é “[...]colocar a educação escolar no conjunto das lutas pela democratização da sociedade” (LIBÂNEO, 1990, p. 124), ou seja, a educação escolar tem papel importante na instrução dos alunos a se perceberem como cidadãos cientes de seus deveres e ativos na sociedade. Sendo assim, os conhecimentos aprendidos na escola devem formar pessoas capazes de entender o funcionamento da sociedade em que vivem, através do pensamento crítico.

Por conta disso, seria interessante trazer os conteúdos vistos em sala de aula para a vida cotidiana, despertando, assim, os alunos para a relevância desse conhecimento, o que os incentiva a continuar estudando, isso porque, quando esses conhecimentos vêm sem um propósito maior, acabam desestimulando os alunos.

Isso significa que, ao aprender sobre conteúdos gramaticais, linguísticos e textuais na escola, o aluno deve conseguir aplicar estes conhecimentos na vida prática, observando quando usar cada tipo de linguagem, quais normas usar em determinados contextos e por que e onde os gêneros textuais circulam etc. Dessa forma, o conteúdo aprendido se torna útil ao aluno, fazendo-o se interessar, estimulando a curiosidade.

Travaglia (1995) adverte para a necessidade de se formar alunos com capacidade de avaliar criticamente o mundo e com potencial criativo para a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos.

Um dos métodos de se conseguir este resultado proposto pelo autor é o método da exposição pelo professor. Este, apesar de ser um tanto criticado por outros autores por “não levar em conta o princípio de atividade do aluno” (LIBÂNEO, 1990, p. 160), apresenta uma

grande efetividade se feito de maneira compartilhada, evitando a posição de passividade dos alunos.

A exposição lógica da matéria continua sendo, pois, um procedimento necessário, desde que o professor consiga mobilizar a atividade interna do aluno de concentrar-se e de pensar, e a combine com outros procedimentos, como o trabalho independente, a conversação e o trabalho em grupo. (LIBÂNEO, 1990, p. 160)

Outro método citado pelo autor é o método de trabalho independente, que consiste em elaborar atividades coordenadas pelo professor em que os alunos resolvam de forma criativa e autônoma. Assim, os alunos poderiam aplicar seus conhecimentos adquiridos sem a ajuda do professor inicialmente, e em seguida uma correção para esclarecer as dúvidas e fixar ainda mais o conteúdo:

O aspecto mais importante do trabalho independente é a atividade mental dos alunos, qualquer que seja a modalidade de tarefa planejada pelo professor para estudo individual. [...] O que tem acontecido, porém, é que esse trabalho individual e silencioso tem sido usado mais para manter os alunos “ocupados” do que para garantir melhor assimilação da matéria [...]. (LIBÂNEO, 1990, p. 163)

Segundo o autor, este método precisa realmente garantir que os alunos tentem exercitar seus conhecimentos e recebam uma correção adequada, assim como uma troca de ideias entre alunos e professor, enriquecendo a aula.

Sendo assim, o ensino de língua materna para falantes nativos é importante na medida em que prepara os alunos para usufruir a língua de forma abrangente, capacita-os a produzir e entender textos e torna-os cidadãos pensantes e críticos de sua realidade. Podem ser utilizados métodos de exposição e de trabalho independente, sempre evitando o trajeto linear e unilateral do conteúdo.

Todos esses fatores foram importantes na maneira como as atividades do estágio foram desenvolvidas, como poderemos ver a seguir.

3 O estágio

O estágio curricular obrigatório a ser cumprido no terceiro ano do Curso de Letras Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL) foi supervisionado pela professora Cristina Simon, professora da disciplina teórica Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa

e Literaturas e da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. A UEL, instituição de ensino superior pública, está localizada na cidade de Londrina, no Paraná. Este estágio proporcionou a mim, discente Isadora Berbel Gardenal, uma experiência de licenciatura em minha área, período no qual elaborei planejamentos de aulas, fiz observações e apontamentos com relação aos alunos e à didática, apliquei conteúdos, entre outros.

A observação e a prática do estágio foram realizadas numa sala de 9º ano do ensino fundamental, no Colégio de Aplicação Pedagógica da UEL Professor José Aloísio Aragão - EI, EF, EM e Profissional, localizado no Centro de Londrina. O estágio iniciou-se no dia 02/05/2019, no período matutino, de quarta à sexta-feira, cumprindo primeiramente dez horas de observação; nestas pude analisar o comportamento da classe, a didática da professora regente, os suportes disponíveis na sala de aula. Após esse período, cumpriram-se vinte horas de regência, preparando aulas e aplicando os conteúdos previstos pela professora regente e, por fim, cumpriram-se as dez horas de participação, preparando atividades e avaliações bimestrais, além de corrigi-las, totalizando quarenta horas de estágio. Finalizou-se no dia 16/08/2019.

As atividades de sala de aula foram formuladas baseadas nos conteúdos já estabelecidos pela professora regente, tanto nas áreas de gramática quanto na produção de texto. A turma era composta por uma média de 35 alunos, entre 13 e 15 anos, do 9º ano. Os conteúdos previstos para aquele bimestre tratavam das “orações subordinadas adjetivas” e dos gêneros textuais “crônica” e “editorial”. Percebi que a professora regente não acompanhava o livro didático, o qual continha informações muito básicas que precisavam ser mais aprofundadas, segundo a professora. Ela, então, deixou-me livre para a escolha de quais matérias passar. Ficou estabelecido que seriam trabalhadas as “orações subordinadas adjetivas” e as “crônicas”. As crônicas seriam importantes neste contexto por conta da inscrição da professora na Olimpíada Brasileira de Português, uma vez que as classes de 9º ano trabalhariam com elas mais tarde.

A maioria dos alunos anotava o conteúdo, mas havia muitas conversas paralelas entre eles. A professora passava exercícios na lousa, e cada aluno que terminasse recebia um visto, que seria importante para a nota de participação. Porém, desta maneira, a professora não conseguia tempo, durante a aula, para tirar as dúvidas dos alunos, uma vez que eles apenas

recebiam o visto e não uma correção. O desafio ali era prender a atenção dos alunos quanto ao conteúdo e administrar o tempo da aula de forma que os conteúdos fossem passados e as dúvidas explicadas. Havia também uma dificuldade de compreensão, por parte dos alunos, na utilidade e importância daqueles conteúdos fora da escola, uma vez que os exercícios passados não faziam conexões extraescolares e não exploravam o senso crítico dos alunos.

Na primeira semana da regência, comecei pelas “orações subordinadas adjetivas”, passando a definição, suas variantes, e três exemplos. Foi utilizada como base bibliográfica a “Gramática do Português Contemporâneo”, de Celso Cunha e Lindley Cintra, para definir as orações: “As Orações Subordinadas Adjetivas vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (Cunha, Cintra, p.405). Na explicação, foram retomados conteúdos anteriores de análise sintática e classificação morfológica também, algo que os alunos precisavam lembrar. O método de exposição do conteúdo foi bastante utilizado nesse período, a fim de expor de forma lógica e sempre interagindo com os alunos. Duas listas de exercícios foram passadas ao longo das semanas para a fixação do conteúdo, dando espaço para os alunos colocarem seus conhecimentos em prática.

Os exercícios foram retirados, em sua maioria, de questões de vestibulares e reformulados para se adequarem à faixa etária dos alunos. Neles, a proposta era que os alunos conseguissem assinalar qual das alternativas continham uma oração subordinada adjetiva, assim, eles poderiam demonstrar suas habilidades de reconhecer uma oração deste tipo. Os outros exercícios tinham basicamente o mesmo princípio, exploravam também as orações explicativas e restritivas, pedindo para alunos diferenciá-las.

Além disso, ao longo das aulas, foram explicitados os objetivos deste conteúdo aos alunos, mostrando a importância da análise sintática na formação de competências comunicativas, na construção de frases de período composto pertencentes à norma culta, na interpretação e produção de textos, e também da recorrência deste conteúdo em textos extraescolares, como o vestibular, jornais, revistas, internet etc.

Depois das duas primeiras semanas, foram passadas as “orações subordinadas adjetivas reduzidas” e seus respectivos exercícios, e iniciamos as “crônicas”, uma vez que os alunos precisavam estar aptos a trabalhar este gênero na Olimpíada da Língua Portuguesa.

Para a conceituação, explicação e exercícios da “crônica”, utilizamos a crônica “Os Jornais”, de Rubem Braga. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao se trabalhar crônicas é preciso objetivar a construção da textualidade, das estruturas e aspectos formais do texto. As habilidades dos alunos devem ser desenvolvidas ao ponto de, segundo a Base:

Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa. (BNCC, p.187)

Na elaboração dessas atividades, procurei exercícios que pudessem explorar não apenas a formalidade da estrutura e da configuração do gênero, mas também do conteúdo do texto, significações, figuras de linguagem, e relevância social. Entre as perguntas tinha-se: “Cite três características do gênero crônica que esse texto possui”, “Podemos dizer que esta crônica é narrativa? Se sim, por quê?”, “As duas notícias apresentadas na crônica apareceriam em um jornal? Por quê?”, “Por que o amigo do narrador diz que os jornais noticiam tudo menos a vida?”. Nestas perguntas, tentamos abordar tanto aspectos de textualidade quanto de interpretação. Inicialmente, os alunos apresentavam dificuldade na interpretação. Ao longo das aulas, fomos explorando o texto de forma colaborativa, entre professor e aluno, a fim de auxiliá-los na compreensão do texto.

Desta forma, na atividade proposta, a crônica foi explorada de forma que os alunos refletissem e chegassem a suas próprias conclusões e percebessem a importância deste gênero na prática social, que cumpre o papel de falar do cotidiano de forma inovadora. Sendo assim, os alunos foram capazes de desenvolver um pensamento crítico diante do tema, o que é um dos objetivos propostos por Travaglia (1995), na maneira como o texto jornalístico é construído a partir de acontecimentos, em sua maioria, trágicos, justamente para chamar a atenção do leitor, e cumprir sua função social.

Os alunos, então, produziram suas próprias crônicas e gostaram da experiência. A produção de crônicas em sala de aula se mostrou bem-sucedida, os alunos foram capazes de produzir um texto com aspectos formais e muita criatividade. Muitos alunos, no fim das aulas,

se interessaram em escrever crônicas por conta própria, sendo um gênero que eles se sentiam confiantes para escrever.

Ao fim da regência, iniciou-se o período de participação em que as atividades de avaliação bimestral foram elaboradas, visando reunir todos os conteúdos vistos até ali. Nesta avaliação, os conteúdos de “oração subordinada adjetiva” e “crônica” foram aplicados da mesma maneira que fora durante as aulas, com algumas modificações para não ser repetitivo. Todos os trabalhos foram corrigidos e avaliados, agregando uma nota final a cada aluno. A média geral foi consideravelmente boa.

3 Considerações Finais

Por esta experiência de estágio, conclui-se que a escola possui o papel de formar cidadãos pensantes, no caso dos professores de língua materna, cidadãos capazes de utilizar a língua em vários contextos comunicativos, dominarem a norma culta e ampliarem sua visão de mundo através da leitura. Quando não ativamos a curiosidade no aluno para o conteúdo, os objetivos ficam mais difíceis de serem alcançados. O professor tem um papel crucial em mãos de compartilhar o conhecimento científico com os alunos e isso exige responsabilidade, atenção, e métodos eficazes, afinal, este aprendizado é um direito deles.

Referências

BRAGA, Rubem. **Os Jornais**. Disponível em:
<https://leituramelhorviagem.files.wordpress.com/2012/09/texto-para-leitura-os-jornais-rubem-braga.pdf>.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2015. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acessado pela última vez: 08/09/2019.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português**. Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3a ed..2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1995.